

**DEBATE: FUNÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

**Professores participantes: Carmem Lúcia Soares**

**José Elias de Proença**

**Luiz Alberto Lorenzetto**

**Platéia:** Nessa mesma linha de uma Educação Física humanista de Homem integral, gostaria de saber, dos três professores, o que muda para o aluno quando ele passa por um programa de Educação Física Escolar dentro destas concepções por vocês apresentadas? Utilizando essa riqueza de exercício do debate, também gostaria que os professores fizessem um confronto das próprias perspectivas com as dos outros professores.

**Prof. Elias:** Ao mesmo tempo que apresentei os 22 tópicos de Jewett condensados em três, é impossível numa investigação com o aluno alfabetizado, saber qual a concepção que ele tem da Educação Física. Normalmente atuamos com um aspecto fundamental que é o movimento. Dentro da orientação do movimento, temos que respeitar as individualidades, que estão calcadas no desenvolvimento global da criança. Ou seja, como ela se encontra intelectual e socialmente e qual a interferência desses elementos na própria relação com a Educação Física Escolar. Uma das participações importantes que temos e não utilizamos muito é o referencial do aluno, o que ele pensa por Educação Física. Jewett também propõe uma sondagem junto aos alunos a respeito da importância da Educação Física e nós temos utilizado essas perguntas com as crianças. Os alunos de 8a. série têm manifestado, têm priorizado a questão da comunicação, a questão de pertencer ao grupo, enquanto o nosso enfoque está muito mais relacionado à eficiência da habilidade, às funções fisiológicas, às funções mecânicas e à melhoria da habilidade. Então, o que acontece é que muitas vezes pensamos estar dando uma certa orientação e percebemos que a criança está numa outra. Dentro desta concepção, acharia importante dispormos de questionários dessa natureza e conforme o compasso que temos no momento, trabalhar com uma situação de pré e pós teste para verificar, claramente, como é esta concepção. Uma é a preocupação da nossa concepção e a outra é como o aluno se encontra naquele momento e quais são as mudanças provocadas. Existe um outro fator de interferência que acho muito importante: temos avaliado em aulas de Educação Física o tempo de contato real do professor com a criança. Em dois contatos de 45 minutos com a classe de 4a. série, o professor teve possibilidade de comunicação real com a criança de 12 a 14 minutos e, levando em consideração uma situação de 2 vezes por semana, resulta em 28 a 30 minutos. Coloco como participação real, situações de possibilidade da prática do movimento ou de pensar o movimento. Então, tudo isso é considerado como sendo interferências importantes nessa relação que se tem com a escola e, mais do que nunca, têm-se necessidade de repensar essa escola. Que algumas mudanças comportamentais podem ser observadas em crianças que só apresentavam o valor biológico, o valor fisiológico do movimento, e passaram a valorizar o pensar o movimento e a pensar o que acontece com o movimento. É difícil de responder a questão, pois falta-nos instrumentos para avaliar mais precisamente tais mudanças. Mas vejo este avanço na Educação Física, ao oferecer instrumentos que possam ser socializados possibilitando a consecução de bens significativos. Portanto, o tempo de contato é uma interferência importante a ser considerada. Como estamos nos comunicando durante a aula é outro elemento importante a ser considerado; e a força social que pode interferir nesse tipo de comunicação. Questões dessa natureza precisam ser realmente levantadas e principalmente respondidas. Precisamos de instrumental, de estar no campo, ver qual é a nossa proposta, ver o quanto conseguimos avançar e o que a criança responde nesse sentido.

**Prof. Luiz:** Eu prefiro falar das coisas que tenho feito e que têm provocado os meus alunos, parece-me que fica mais autêntico. Falarei das aulas de Educação Física que leciono no curso de Educação Física da UNESP e tenho em minha tese de doutorado algumas referências sobre o que eles (alunos) sentem quando fazem as aulas de atletismo. Como são alunos do 1o. ano diria que são quase do 2o. grau, ou seja, um aluno no 1o. ano no 1o. semestre em março e em agosto ainda é aluno do 2o. grau. Dei as aulas de atletismo e pedi que avaliassem. Eles colocaram algumas coisas, como por exemplo: "gostei da prova e do meio em que ela foi passada, principalmente quando se refere à criatividade e à imaginação" Parece-me que os alunos gostam de ser estimulados, gostam de ser exigidos, quer dizer, gostam de ser empurrados quando sabem que quem os empurra sabe que podem voar. A prova não foi

difícil a não ser a dificuldade de fazer as questões. Ao invés de outro fazê-las e passar para eles, tiveram que elaborar as próprias questões e responder algumas. Eles não estavam esperando por isso. Pedi que desenhassem o próprio corpo, o corpo nu, realizando algumas atividades que mais gostassem: sexual, corrida, saltos, arremessos numa pista de atletismo. Alguns deles desenharam o seu corpo bidimensionalmente: só comprimento e largura, quer dizer, sem peito, sem bunda, sem pinto, sem olho ou orelha. Então me pergunto: como um professor de Educação Física pode contactar com o corpo do aluno se não tem consciência do seu próprio corpo? Diria até porque vamos tão longe se não conseguimos encontrar nem o próprio nariz. Além das aulas normais, trabalho com algumas aulas extras e, em minha tese tem um relato sobre isso. Participei do treinamento extra e achei muito interessante pois, tem um ar muito mais livre e as pessoas que o freqüentam vão porque estão com vontade, não para responder chamada. Tem outra série de citações, então, eu diria que trabalhamos mais ou menos com a filosofia Zen, quer dizer, eu ajudo o aluno a tropeçar e ele se levanta pelas próprias pernas.

**Profa. Carmem:** Em relação ao aluno há indicações de alguns estudos, um deles feito em 1984, pelo Prof. Valter Bracht na sua dissertação de mestrado, na qual ele trabalha com adolescentes de uma escola pública em Santa Maria, e onde desenvolve uma proposta, cujo título é "A Educação Física como Campo de Vivência Social". Nessa dissertação, ele desenvolve um referencial do qual compartilho e que acredito ter exposto aqui. A partir desse referencial, o autor propõe o que chama de uma outra metodologia de trabalho que certamente, também, como conteúdo e forma não se separam. Certamente implica num outro conteúdo e aí ele desenvolve uma experiência com os alunos, utilizando um dos desportos. Ele trabalha durante um bimestre, fazendo experiência com o basquete. O que chamava de metodologia tradicional, aquilo que os alunos tinham na escola, colocava como uma metodologia alternativa proposta por ele. Essa metodologia tinha a intenção clara do professor quanto ao conteúdo a ser desenvolvido naquela aula, naquele bimestre. Mas também havia um envolvimento do aluno, quer seja no planejamento das aulas propriamente ditas, quer seja no planejamento do bimestre. Além disso, havia um envolvimento dos alunos em relação à fala, uma ênfase, normalmente pouco explorada na Educação Física Escolar. Como a fala é um instrumento de comunicação, então como utilizar na aula de Educação Física as possibilidades do aluno se colocar em relação ao desenvolvimento daquele conteúdo? Ele poderia ter participado da sua elaboração. Havia também questionários que elaborados para os alunos em relação ao que eles entendiam por Educação Física e o que passaram a entender depois daquela experiência de dois meses, como eles enxergavam a Educação Física e o seu conteúdo na escola, enfim uma experiência muito interessante. Também há experiências, em relação ao aluno, desenvolvidas por professores da Rede Estadual de Pernambuco. Isso porque houve um entendimento muito grande da Secretaria de Educação nos últimos quatro anos, desenvolvendo alguns projetos com professores de Educação Física, envolvendo pessoas da Universidade. Esse projeto resultou numa proposta que a Secretaria chama de "Contribuição ao Debate". É um trabalho bastante interessante e que procura sintetizar algumas coisas a partir das pesquisas desenvolvidas ao longo da década de 80. Há professores desenvolvendo este trabalho, e também um trabalho que valoriza bastante a intervenção e a direção do professor no trabalho, com abertura para que exista na aula de Educação Física discussão sobre o trabalho desenvolvido. Lembrando de uma frase que o Prof. Guilmar disse ontem: "A Educação Física deve ensinar ao aluno manter a forma física, mas não é ela quem deve mantê-la" Na verdade, acho esta frase importante porque ela nos dá a exata dimensão do espaço de uma aula, e a necessidade de como podemos trabalhar além da atividade física no bom uso desse espaço. A atividade física é um aspecto importante da aula de Educação Física, mas não é o único. Então, é nesta perspectiva que as pessoas em Prática de Ensino estão desenvolvendo suas experiências, experiências registradas. Há inclusive vídeos, registros por escrito desse trabalho, há clareza do professor em relação ao conteúdo que ele vai desenvolver. Mas há, fundamentalmente, um enriquecimento, um movimento neste conteúdo. Movimento no sentido de que aquilo que o aluno traz, aquilo que há de produção na área da Educação Física, é trazido para o interior dessa aula, discutido com os alunos e reestruturado para ser desenvolvido. Acho que falar sobre as diferenças em relação às nossas respostas parece-me algo bastante claro, pois há inclusive diferenças na forma de apresentação, diferenças no conteúdo, mas parece-me que as pessoas

aqui presentes também receberam os nossos textos. Elas têm condições de estar aprendendo estas diferenças. Parece-me que há maior enfoque em um dos aspectos. Talvez mais no âmbito afetivo emocional, dependendo da pessoa. No meu caso, o enfoque talvez seja mais na questão da apreensão de uma teoria e talvez, no caso do Prof. Elias, que tive o prazer de conhecer pessoalmente hoje, um enfoque a partir do que ele estuda, ou seja, as habilidades, as funções, as capacidades. Parece-me que estas são as diferenças em relação às três posturas. Particularmente, acho isso fantástico porque considero que uma área do conhecimento humano só se desenvolve, e isto é histórico na ciência, se há debate de idéias, ou seja, se há diferenças.

**Platéia:** Por que vocês, que trabalham na Universidade, pesquisadores, quando apresentam palestras ficam o tempo todo definindo conceitos? Vocês são incapazes de falar sobre a natureza do fenômeno utilizando exemplos reais e palavras simples?

**Prof. Luiz:** Continuando as coisas reais que vivo, que falo, que sinto e que penso, vou dizer mais uma delas aqui para contrariar a pessoa que gentilmente nos mandou a provocação. Pedi aos alunos que procurassem seu próprio umbigo e depois o umbigo do outro: "Sobre o 1o. movimento de achar o umbigo com os olhos fechados e braços estendidos senti que realmente nós não conhecemos o nosso próprio corpo." "Quando o professor pediu para que tocássemos uns aos outros me senti envergonhado, não me senti à vontade." "Gostei do exemplo, apesar de não ter me sentido à vontade, pois realmente faz com que quebre o gelo entre as pessoas." "Nesse exemplo senti mais barreira, quase não consegui fazê-lo." "Para mim está tudo jóia. Espero que continue assim. Saímos sempre realizados de suas aulas e seu método de ensino acho muito legal, você nos faz importantes e queridos." Mas tem um outro relato de uma pessoa que já havia praticado atletismo que colocou: "Por isso que esta aula para mim foi muito diferente do que eu esperava, pois do meu ponto de vista, uma aula onde se faz exercícios e brincadeiras, como o nó humano, correr de olhos fechados, são métodos de dar aula um tanto quanto novos para mim, mas considero que são bem mais eficientes que todos os métodos comuns e banais de aula a que nós já estávamos acostumados. Além disso, gostei da sua aula porque através dos exercícios e brincadeiras em grupo, proporcionou um maior contato entre todos os alunos. Isso ajudou a gerar novos laços de amizade, evitando assim a formação de panelinhas entre nós. Por outro lado, apreciei muito que ela tenha me proporcionado um maior conhecimento do meu próprio corpo, principalmente quando fizemos aquela corrida de olhos fechados, onde fui obrigado a explorar os meus sentidos como tato, que foi explorado através do contato dos pés com o solo, com o vento, com o resto do corpo e também o sentido auditivo, pois através dos meus gritos e o dos meus companheiros foi possível adquirir um certo sentido de direção." Portanto, essa é a minha prática e o meu dia-a-dia, mesmo como professor universitário.

**Profa. Carmem:** A questão das palavras mais simples e dos termos mais simples, faz-me pensar exatamente o inverso. As palavras complexas geram um certo desafio e penso que o desafio é a coisa mais importante para nós avançarmos em qualquer situação da vida, fundamentalmente, em questões que implicam o desenvolvimento de teorias. Acho que um grande problema da Educação Física é exatamente o contrário, ou seja, tendemos a simplificar e superficializar os conceitos e isso, parece-me causar certos danos ao próprio desenvolvimento da Educação Física. Por isso é que compartilho da idéia de que um debate seja feito com as pessoas também falando, pois a pergunta feita por escrito impessoaliza-se. As pessoas se colocam mais emocionalmente quando elas podem falar com quem está atrás da mesa. Ficamos falando muito do afetivo, do emocional mas, às vezes, temos certas estratégias de trabalho acadêmico que impedem as pessoas de utilizarem a sua voz, que é o instrumento mais elementar da comunicação, o mais fundamental e o qual humaniza mais o homem. Quer dizer, o ponto alto do desenvolvimento humano é exatamente a capacidade da linguagem. Compartilho da idéia de que temos, cada vez mais, de tornar mais complexo e dar condições, certamente não num debate de 20 minutos, para que as pessoas aprendam termos mais complexos, desenvolvendo-os, desenvolvendo metodologias, desenvolvendo práticas pedagógicas, mas a partir de teoria. Aliás, gostaria de aproveitar para responder uma pergunta individual de uma pessoa que coloca: "Há praticamente 10 anos tem-se ouvido o mesmo discurso social. Não vi até agora nenhuma proposta concreta, mesmo que seja para começar. Posso

concluir que os autores desse discurso, incluindo você, Castellani, Bracht, Medina, Carmo e outros encontrem uma barreira que não estejam conseguindo transpor? Não há perigo em terminar tudo em discurso?" Queria juntar com essa minha intervenção. Acho que não há perigo porque o discurso é construção de teoria. Ele é o primeiro momento de construção de teoria e não se faz pesquisa aplicada sem pesquisa básica. E a Educação Física tem desenvolvido, felizmente, onde incluiria todas as pesquisas que vem sendo feitas nas diferentes áreas: da aprendizagem motora, do desenvolvimento motor, da psicomotricidade, nos inúmeros mestrados de Antropologia, de Sociologia, de Psicologia, de Educação, em que pessoas da Educação Física se envolvem e onde estão desenvolvendo teorias. Penso que estes últimos dez anos não foram jogados fora e se o discurso parece vazio para algumas pessoas, é porque, de fato, estas pessoas não estão se apropriando dessas propostas que começam a aparecer. Por que eu digo começam? Porque acho que devemos ter cuidado também para não cair no imediatismo. A ciência trabalha com diferentes momentos imediatos, com momentos mediatos e com momentos a longo prazo. Há pesquisas na área das ciências biológicas que só se desenvolvem depois dos dez anos que os resultados são colocados. E é essa exatamente a função da ciência para que ela não se torne utilitária. Penso ter discutido com razoável clareza o conceito de cultura utilitária e da ciência entendida de forma utilitária. Há sim que se dar respostas, com certeza. Tenho que dar minha aula de didática na 5a. feira para os meus alunos, dar aula de Prática de Ensino e discutir conteúdo da Educação Física Escolar. E há uma grande dúvida: eu, como professora, tenho que saber qual é o conteúdo da Educação Física Escolar? Não tenho nenhum problema de confessar, diante de uma platéia como esta, as minhas dúvidas porque acho, também, até com Descartes, "lá atrás", que a dúvida também é um processo de construção do conhecimento. Gosto muito quando essa pergunta aparece porque me permite falar sobre isso, falar sobre a construção cotidiana que os professores das escolas públicas vem desenvolvendo. Às vezes, em alguns Congressos que permitem a apresentação de temas livres, essas propostas aparecem, sendo muito interessantes de vê-las num Congresso organizado pelos estudantes. Nelas pude ver o trabalho dos professores de escolas públicas. Acredito que haja um preconceito na área da Educação Física com a questão da teoria e isso me preocupa muito. Sou professora de Universidade há apenas três anos. Trabalhei em escola pública, como professora de Educação Física, de pré-escola a 2o. grau até 85-86 quando entrei no mestrado. Sempre busquei a teoria porque achava que ela podia me dar respostas e me ajudar a construir uma prática. Acho que o que falta para a Educação Física é teoria, porque a partir dela é que vamos desenvolver a prática. Prática sem teoria é atividade física não prática.

**Prof. Elias:** Paraphraseando a Profa. Carmem, acredito que no tempo de 20 minutos, e principalmente nesta forma de interação que é feita, a compreensão que é colocada se dá através de um fenômeno, que me preocupa bastante dentro da relação professor-aluno, que é o "feedback", no qual vão se reforçando os conceitos, o nível de entendimento. Talvez o universo lingüístico de cada um não se traduza em código suficiente para passar realmente o que se pensa ou como se vê a Educação Física na área escolar. Preocupa-me muito o fato de tratar de função e o fato de poder trazer uma realidade aplicada onde se vive a situação da Educação Física Escolar. Há muita diversificação em relação à atuação da Educação Física Escolar. Vivemos uma realidade Estado, uma realidade Prefeitura, uma realidade Escola Particular e o universo conceitual que as crianças trazem são os mais diferentes possíveis. Aproveito o "gancho" também para poder colocar, em breves palavras, atendendo o pedido de alguém, que gostaria de ouvir um relato dos resultados obtidos na linha desenvolvimentista. Assumi a coordenação da Educação Física do Colégio Magno, depois do Prof. Luiz e exatamente a concepção que ele amadureceu mais, e sobre a qual está a conversa agora, já era a preocupação da época, de utilizar o enfoque de um trabalho através do movimento e conseguir muitos outros resultados com os objetivos além dos que ele está colocando. Na época, conversando com a direção da escola, achamos também muito difícil por causa da interação que deveria ocorrer entre professores de Educação Física além de conseguir muitos outros resultados, como os objetivos que ele está colocando. Também achamos muito difícil a interação entre professores de Educação Física e a professora de classe. Estava se tornando difícil, além da Educação Física, também estar passando por uma situação que precisava de enfoque claro, para quem percebia onde o trabalho não era o desenvolvimentista, voltado para o aluno.

Toda a administração desse enfoque, a sua preocupação, estava relacionada com o crescimento da criança quanto ao domínio, ao controle da expressão, ao nível de complexidade relacionado ao movimento e ao resultado que isso poderia ter para ele. Claro que o enfoque dentro dessa abordagem estava muito mais relacionado com o uso do movimento em si. Colocar nesse momento, em relação a essa escola, o uso do movimento que daria uma clareza maior, uma personalidade, uma identidade da Educação Física. A partir daí falar: eu sou assim; até aqui eu chego; a partir daqui eu me mesclo. Dentro dessa abordagem, a clareza em relação a respeitar as diferenças individuais, a buscar conhecimentos relacionados a diferentes aspectos do desenvolvimento, a testar e a visualizar que isso está sendo um desafio constante. Só que tínhamos que envolver as pessoas que se relacionavam com a escola, as pessoas que estavam diretamente ligadas, e os pais para poder formar essa concepção e estender essa mudança. A pessoa que se desenvolve interacionalmente e a comunidade escolar passam a ser importantes para poder ter um enfoque dentro da área de Educação Física. A partir do momento em que há um enfoque particular da Educação Física trabalhar com habilidade, evoluir quanto à habilidade, tomar consciência, tirar elementos, resolver problemas quanto ao movimento, ela passa a ganhar uma identidade. Havia feira de ciências e eles perguntavam: "Qual é a contribuição da Educação Física, como nós podemos interagir?" A partir do momento que a Educação Física teve um espaço passou a haver possibilidade de interação. Diante desta observação, de toda a orientação que nós levamos com relação à Educação Física, tem algumas questões que me preocupam: (1a.) a personalidade da Educação Física, ou seja, qual é a identidade da Educação Física e nessa identidade como ela se orienta; (2a) a despersonalização se eu começar a utilizar demais estratégias para conseguir outros elementos. Por isso que dois temas tremendamente debatidos, atuais, relacionados à Educação Física que são educar o movimento ou educar através do movimento, onde caímos na discussão do holismo. A partir do momento em que a pessoa se desenvolve e desenvolve o movimento, ela adquire segurança para se relacionar com os demais. Através do trabalho com essa abordagem, sentimos nossa experiência expandir, sentimos inclusive uma avaliação objetiva, que não tenho para apresentar agora, mas tenho o professor que dá aula para a 7a. série e que coloca: "Os que não passam pela história do movimento da escola apresentam uma relação, uma compreensão de movimento diferente do que acontece aqui na escola". Eu poderia me prolongar muito mais nisso, pois andei até fazendo um joguinho, aplicando uma prova de operação mental para ver se realmente esse fato ocorria trabalhando com movimento, resolvendo problemas de movimento, interagindo com os demais, operando as relações de espaço. Realmente havia mudanças cognitivas e nossas crianças que passavam pelo processo eram diferentes dessas crianças. Porque dá para respeitar o pilar do desenvolvimento mental, o pilar do desenvolvimento social, priorizando o movimento nesse trabalho. Esse é um fato que está aí para trabalhar, é real.

**Platéia:** Eu gostaria que o Prof. Luiz falasse um pouco mais sobre essa visão do lúdico, justificando.

**Prof. Luiz:** A partir do esporte, da dança, da ginástica e do jogo, estabeleci alguns paradigmas que chamei de não lúdicos e lúdicos, quer dizer, o jogo é o representante mais legítimo do lúdico, embora nem sempre o seja, mas o desporto, a ginástica, a dança também podem sê-lo. Coloquei como paradigma não lúdico dessas condutas motoras e globais o seguinte: no não lúdico os adultos precisam voltar a ser crianças, mascarar sua espontaneidade para poder representar, disputar ou jogar. No lúdico os adultos não precisam voltar a ser crianças para poderem exercer seu direito de brincar, quer dizer, no lúdico a criança brinca como criança, o jovem brinca como jovem, o adulto brinca como adulto, o idoso brinca como idoso. No não lúdico a bioenergia é empurrada e apressada, no lúdico a bioenergia flui espontaneamente; no não lúdico o corpo é objeto, no lúdico o corpo é sujeito; no não lúdico as turmas são exclusivamente masculinas e exclusivamente femininas. No lúdico é a coeducação; no não lúdico existe uma insatisfação com as aulas de motricidade, uma fuga das aulas e excesso de pedido de dispensa; no lúdico existe uma crença no valor da motricidade, no direito da participação e no prazer pelo movimento; no não lúdico existe uma ausência de ligação do corpo com aspectos ecológicos e cosmológicos; no lúdico existe uma presença significativa do corpo, transcendendo sua personalidade, relacionando-se com a água, o ar, a terra, o fogo, os minerais, os vegetais, os animais, o sol, a lua e as

estrelas. No lúdico o corpo não visa mudanças refletidas e conscientes, comprometendo-se com a praxis, perguntando continuamente: por que, quando, como, por que não, e se; no não lúdico existe um caráter esquizofrênico repartido das atividades, no lúdico esse caráter é integral e harmônico, e assim por diante.

**Platéia:** Nas falas surgem posicionamentos quanto aos papéis do professor de Educação Física e suas competências. Gostaria que refletissem um pouco mais sobre a questão da capacitação, o que representa ser capaz de, capacitarmos alguém para algo?

**Profa. Carmem:** Esta pergunta poderia se juntar com mais duas que tenho: "Qual o perfil do professor de Educação Física necessário para a sociedade atual?" e, "frente a uma nova visão de totalidade da sociedade e do homem, qual o papel do professor de Educação Física para você?" Parece-me que é possível fazer esta junção. Essa pergunta vem no sentido de papéis e competências e toda a questão profissional, o que me parece evidente e fundamental. A idéia do perfil parece algo estratificado, sem movimento. Tenho um pouco de medo quando as coisas se apresentam com muitas certezas e muito prontas. Preferiria colocar em termos de elementos, que poderiam ser mutáveis, de acordo com a correlação de forças dos movimentos distintos que a sociedade vive e dos grupos que conseguem se colocar com suas idéias e com o poder dos argumentos. Algo que me parece fundamental é o conhecimento, sua produção e veiculação. Parece-me, por exemplo, que um professor, seja ele de Educação Física, de História, de Português, de Matemática, tem que ter um conjunto de competências básicas que o instrumentalize, no sentido de entender sua prática social. Todo mundo educa, há uma educação na sociedade de modo mais geral. Há a educação escolarizada e para isso há competências específicas, cujas diferentes licenciaturas deveriam dar conta. Todavia, esse "dar conta" do específico não implica numa desconsideração do geral. Mas qual é o geral do professor de Educação Física? É a escola, a instituição escolar e a educação escolarizada na sociedade, na qual ele está inserido. Então, o entendimento da educação escolarizada enquanto totalidade, enquanto espaço dentro da sociedade, enquanto momento privilegiado dentro da sociedade, enquanto um espaço desenvolvido historicamente, para lidar com a questão do conhecimento. Isso remete à necessidade de lidar com o conhecimento nos cursos de formação, e aí coloco uma discussão que parece fundamental: a nossa relação entre ciência e técnica. Há uma exacerbação no meu texto, sob meu ponto de vista, da nossa formação e onde até brinquei a respeito de uma formação deformada. Há uma exacerbação de elementos de ordem técnica, mas uma técnica que não privilegia o homem e nem o desenvolvimento da ciência, desvinculada de ambos. Portanto ela não se transforma em técnica. Então o que acontece? Com essa absorção de inúmeras técnicas, que vão desde as terapias corporais, que agora invadiram os cursos de Educação Física, até as técnicas desportivas, nós temos um amontoado de técnicas desvinculadas na maioria das vezes, das teorias que as engendram. Isso causa ao profissional de Educação Física um desespero muito grande porque, quando vamos fazer cursos de reciclagem, querendo mais técnicas, mais novidades, para podermos dar nossas aulas, refletimos o que falta num curso de graduação: exatamente o entendimento das diferentes técnicas. O conhecimento do ambiente no qual vou trabalhar, do ponto de vista das mais diferentes teorias atuais da Educação Física, mostra essa ausência. Quer dizer, o profissional de Educação Física Escolar, o professor, tem dificuldades de discutir a Educação Física do Brasil quando ele está no ambiente escolar. Isso implica em quê? Implica em que ele acaba se ausentando desse processo de construção coletiva da escola e acaba, em função daquilo que eu havia colocado anteriormente, assumindo diferentes papéis julgando que ele deva assumir, como por exemplo, até de cuidar das crianças durante o conselho de classe. Eu vivi isso na minha experiência de professora, tendo que brigar num primeiro momento para ser entendida como professora dentro da escola e essa briga positiva, com argumentos, permitiu essa participação. Acho que ela deve fazer parte de todos nós, professores da escola. Então eu diria, qual o papel do professor de Educação Física na sociedade atual? Ora, um sujeito que seja capaz de entender criticamente sua prática e saber mais, muito mais que as pessoas que se interessam pelos esportes.

**Prof. Elias:** A Profa. Carmem está sempre analisando a questão no nível social e eu no nível comportamental. O nível de análise é bem importante para essa compreensão. Essa questão da competência tem sido discutida com um grupo de alunos da Prática de Ensino aqui da Escola. É bem curioso observarmos o processo Prática de Ensino, onde muito dos enfoques, importantes na

caracterização do que é ser competente, afluem quando o aluno está com tudo isso "fresquinho" na cabeça e briga com isso, ou seja, ele está auto-centrado. Nesse olhar para si, não olha o aluno. Considero isso um processo muito importante porque consegue-se perceber as relações a partir do momento que sei quem eu sou. Se me descaracterizo enquanto pessoa, fica muito difícil de me relacionar e me torno alguém sem limites, adaptando-me a tudo. Mas, acredito que a Educação Física está avançando muito em pesquisa e estas estão sendo comunicadas. A maioria dos professores jovens está incorporando isso e vai, inicialmente, passar pelo processo, por uma luta com eles mesmos, para saber se estão corretos. Num segundo momento, alguma coisa está saindo e num terceiro momento mais coisas estão saindo. Até que chega o momento em que eles são capazes de integrar esses elementos e atuar com competência. Essa reflexão é importantíssima, e ter a escola bem orientada nessa informação, também é importantíssimo. Portanto, existe a questão da formação e existe a questão do próprio professor, seja jovem ou velho. Se ele continuar refletindo e buscando, chegaremos lá. Nessa questão de conseguir mais com a Educação Física Escolar, se pararmos e acharmos que é suficiente realmente não chegaremos a nenhum lugar.

**Prof. Luiz:** A respeito da formação, diria que se nós queremos mostrar a uma pessoa o que é uma boa aula de Educação Física Escolar, devemos mostrar um bom professor de Educação Física Escolar, dando uma boa aula de Educação Física Escolar. Ontem à noite eu senti uma metralhadora, uma saraivada de balas matando a Educação Física. O Prof. Guilmar até destruiu os castelos de areia da nossa Educação Física, mas eu diria que é preciso valorizar as coisas boas. Mostra-se tudo o que é ruim na Educação Física e se esconde o que é bom. O Prof. Elias trabalha com a Educação Física Infantil desde 1973 no Jardim Escola Mágico de Oz. Se querem ver uma boa aula de Educação Física Escolar, vejam o Prof. Elias ministrando aula. Não é preciso fazer Congresso para isso, assistam sua aula e "fim de papo", não precisa nem mais de discussão.

**Platéia:** Prof. Luiz, imagine uma caixa cheia de peças de motor desmontado, isso para você é um motor? Para mim não, pois, se as peças não mantiveram uma interação entre si, evidenciando uma estrutura e função, tudo isso não passa de um amontoado de elementos desconexos. Tudo que você acrescentou, parece-me uma caixa cheia de funções da Educação Física. Qual é o seu princípio, paradigma e referencial?

**Prof. Luiz:** A função da escola deve ser a cura da infelicidade, isto é, a busca da felicidade.

**Platéia:** O seu quadro de "Ausências e Presenças" me motivou a lhe perguntar, como está a formação psicológica dos alunos das Faculdades de Educação Física sem o estudo aprofundado das várias áreas da Psicologia? Temas como ansiedade, hostilidade, interação no ambiente etc., não seriam de primordial importância?

**Prof. Luiz:** Tanto o Prof. Elias como eu, além de professores de Educação Física, fomos fazer o curso de Psicologia para poder entender mais o comportamento humano. Como comecei o mestrado em 1977, parei no 2o. ano, porém ele continuou com o curso de Psicologia. Portanto, além de professor de Educação Física é psicólogo também. Por isso propusemos para o curso de Educação Física um aumento de carga horária na programação dos cursos. Mas somente a Psicologia do Desenvolvimento e a Psicologia da Educação são insuficientes para a formação de um professor de Educação Física.

**Platéia:** Levando-se em conta as questões sociais e econômicas e as influências da família, da igreja e dos meios de comunicação, qual seria a função da Educação Física Escolar?

**Profa. Carmem:** Quando terminei a minha fala anterior lembrei-me de um texto que acho fantástico, de um pedagogo francês chamado Georges Isnidert, cujo título é "Onde vão as pedagogias não diretivas?" Nesse texto, ele aborda sem preconceitos, a questão da diretividade e não diretividade no ensino e quando se faz essa pergunta fico pensando sobre a mesma frase que o autor coloca: "Gostaria que a Educação Física pudesse ter uma função clara de conseguir instrumentalizar meus alunos, ou seja, armá-los para que eles pudessem se sentir armados contra todas as ideologias, as práticas corporais contemporâneas, para que a escola não se tornasse o palco dos modismos e das novidades". Tive a oportunidade de ver em Belém do Pará, uma escola pública onde o professor de Educação Física desenvolveu um trabalho chamado aeróbia infantil. Isso é um exemplo do modismo e é uma questão que me parece preocupante. Gostaria que a Educação Física pudesse ter por função armar os meus alunos em relação às ideologias que permeiam todas as práticas corporais. Que ela pudesse fazer com que eles,

ao assistirem um espetáculo esportivo, pudessem ver a sua beleza, mas também entender o que está por trás dele, ou seja, os seus determinantes. Que eles pudessem ver e entender os absurdos que se fazem com o corpo atualmente e não embarcaram na primeira moda que aparece na esquina do seu bairro. Se a Educação Física Escolar pudesse instrumentalizar os meus alunos para que entendessem isso, ela teria uma função fantástica na sociedade contemporânea, porque penso ser este o papel da escola: desmistificar ideologias, romper com os dogmas, com as crenças e trabalhar exatamente com aquelas questões que fazem com que se sinta mais indivíduo, para poder se sentir mais sociedade. Porque essa é a relação dialética onde não só a sociedade determina o indivíduo, mas o indivíduo também determina a sociedade. É esse processo que constrói uma outra sociedade, que julgamos menos cruel do que esta em que vivemos. Em relação à resposta anterior, acho que nós falamos muito da competência do professor mas, parece-me que se essa competência não estiver ligada à uma reforma da sociedade como coloquei no meu texto, ela torna-se impossível. Você não pode ser missionário, porque professor é uma profissão e profissão implica em salário. Temos que ter salário decente, porque o sujeito que dá dez aulas de Educação Física por dia, no sol, e todos nós que já demos aula de Educação Física na Rede Pública sabemos o que é isso para ganhar Cr\$ 20.000 no final do mês, não pode ser competente. Ora, é brincadeira exigir que esse professor seja competente, se ele não consegue nem comprar o jornal do dia para ler. Como uma pessoa pode ser competente no âmbito da cultura, se ela não lê jornal, se ela não lê um periódico da sua área, se ela não tem dinheiro para fazer um curso de reciclagem, se ela não tem dinheiro para fazer um seminário de final de semana? Isso é fundamental, mas não pode estar desvinculado, senão nós ficamos discutindo o sexo dos anjos. A questão das condições de trabalho, das condições das escolas que são péssimas é muito claro para nós que trabalhamos inclusive com a Prática de Ensino. As condições das escolas públicas nos últimos dez anos estão em deterioração total. Eu diria que é uma destruição da escola pública.

**Platéia:** O cotidiano da Educação Física Escolar não é tão simples. Existem muitos fatores que interferem no seu bom funcionamento como, por exemplo, o grande número de alunos por classe, a pedagogia da escola, os problemas psicológicos, sociais, etc. Como conseguir amenizar todos estes problemas, se somente 13% da população têm oportunidade de frequentar a escola? Por que a preocupação tão grande em justificar sua importância nos aspectos saúde, educação intelectual, física etc? Não seria necessário, paralelamente, lutarmos para um maior número de frequentadores na instituição escola? Como fazer essa relação com a formação na Universidade? Não seria possível que houvesse esta preocupação no currículo da preparação profissional dos professores?

**Prof. Luiz:** Constantemente se ouve falar que o número de escolas é insuficiente para abraçar tantas crianças, mas o que falar das crianças que vão à escola e encontram um ambiente insípido?

**Prof. Elias:** Essa é uma questão que constantemente levantamos de todas essas relações e, volto à questão que surge quando professor entra em contato com os níveis iniciais e como ele vai estabelecer essas relações. Existem várias interferências de nível macroscópico, que realmente tornam difícil o controle deste. Volto a reforçar o que o Prof. Luiz colocou: acredito que diante das dificuldades, nós não avançamos quase nada. Gostaria de continuar buscando instrumental, de continuar o debate e vendo as possibilidades. Nesse nível, porque existem possibilidades de ensino quanto a grupos grandes, existem possibilidades de ensino quanto à diferenças sexuais, existem possibilidades de ensino quanto aos mais diferentes contextos. No nosso caso, às vezes, esbarramos na dificuldade da emoção e não conseguimos sair do comportamento pessoal, da situação pessoal. Do ponto de vista social, existem interferências embora dentro de um consenso sobre qual deve buscar uma classe. Vejo que, na maioria das vezes, nos respaldamos nessa situação da dificuldade não avançando em nada. Uma das questões maiores que eu levanto é a questão do conteúdo e a reprodução desse conteúdo na relação com as crianças. Se o movimento tem várias facetas, a aquisição da habilidade também tem várias facetas e ficarmos na busca, simplesmente, da reprodução do que é olímpico; claro que esta dificuldade começará a ganhar cada vez maior dimensão.

**Profa. Carmem:** Eu queria unir essa questão feita para todos com uma pergunta dirigida pelo Rogério, pois ambas têm alguma coisa em comum. O Rogério coloca um relato de que ele esteve presente num debate na UNICAMP sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ressaltando

aqui que há um artigo específico no capítulo 7o. que é o da Educação Básica, o qual trata da Educação Física. Esse artigo diz: "A Educação Física integrada à proposta da escola é componente curricular obrigatório estando integrada às características das faixas etárias..." etc. Seria possível abordar o fundo da Educação Física nesse contexto, ou seja, qual o papel da escola, qual a concepção de Homem que deveria apontar para um projeto de sociedade? Parece-me que já desenvolvemos alguns elementos nesse sentido, mas acho importante situar essa questão do Rogério porque ele traz a LDB da Educação Nacional e, de fato, essa lei é uma das mais democráticas que já houve no Brasil. Dentre as duas existentes, essa é a terceira LDB da Educação Nacional. É uma das que mais provocou debate, quer dizer, houve participação da sociedade brasileira como um todo, evidentemente de acordo com suas possibilidades e com suas características históricas, de organização das diferentes entidades da Educação. Parece-me importante juntar as duas questões porque a pergunta colocada para a mesa refere-se à pouca frequência à escola e à evasão. Ora, isso também parece estar obviamente relacionado com essa estrutura de sociedade em que vivemos, onde lutar por condições de trabalho na escola é lutar para a melhoria dessa sociedade, para a transformação dela e principalmente, para manter a criança na escola além de ampliar o número de vagas. Como a educação pode ser um desejo da população que vive à margem da sociedade, é mais ou menos óbvio, que desenvolvemos nossa sensibilidade, quando temos algumas condições básicas satisfeitas. É evidente que a educação faz parte da subjetividade humana, ela não é alguma coisa que vai dar uma resposta imediata, embora ela se ligue ao mundo da produção. Mas o desejo da educação escolar é um desejo mais próprio da classe média, do operário qualificado, de pessoas que já têm um certo entendimento de que esse instrumental, de fato, poderá ser importante para que se conquiste uma vida melhor. Vejam, se temos uma população onde 40% vivem em miséria absoluta, se temos pessoas que vivem com até três salários mínimos, é evidente que nós temos pessoas simplesmente sobrevivendo e a questão educacional está colocada neste contexto. Ela não é alguma coisa à parte disso. A ausência de preocupações com as questões sociais, educação, saúde, denota claramente, uma política de discriminação mesmo para ter dois "Brasis". Lembro-me que nesta campanha eleitoral ao governo do Estado de São Paulo, o Covas fez um trabalho bastante interessante e didático, ao falar dos dois Estados, onde dizia da necessidade de juntar os dois "São Paulos" existentes. Acho que esses dados que trouxemos aqui, embora elementares e poucos, mostraram isso, um Estado como São Paulo tem 50% da população trabalhadora ativa com 4 anos de escolaridade, o que quer dizer que uma coisa puxa a outra. Acho que as coisas não se separam, a melhoria das condições da escola é uma luta política da categoria dos professores. Mas ela não está desvinculada desta luta mais geral, dessa sociedade em que vivemos, porque senão nunca transformaremos isso. Embora tenha havido um grande acréscimo do número de pessoas nas escolas, é ainda insuficiente. A escola pública é ruim, é, mas é melhor que exista, para que possamos modificá-la ao invés de deixar de existir, como querem, atualmente, muitos conservadores no processo de discussão da LDB.

**Prof. Luiz:** Tentando fazer uma síntese das quatro questões que falam sobre avaliação, sobre a diferença entre discurso do materialismo histórico e do materialismo existencial e, sobre a relação que deve existir entre a visão de mundo do professor e sua própria aula, diria que o ser humano cria cada vez mais barreiras nas suas relações. Sempre aprendi que devemos amar a Pátria acima de todas as coisas. Porém, acho que não podemos mais amar a Pátria acima de todas as coisas. Temos que amar a vida acima de todas as coisas, por isso palavras como: limite, passaporte, fronteira, estrangeiro tem que desaparecer do nosso dicionário. Na Educação Física acontece a mesma coisa. Só no momento em que quebrarmos essas relações que eu chamaria de anti-humanas, impróprias e anti-naturais, é que vamos fazer da própria Educação Física um bom meio de vida. Ela não tem outro sentido a não ser o de trabalhar o indivíduo durante a vida sendo ela a sua própria vida, a própria vida da criança. Então, devemos amar a Pátria acima de todas as coisas, mas não mais do que a própria vida, o que implica numa Educação Física Escolar ecológica e cosmopolita.